

Seminário 03 - IV “Práticas de Leitura, Gênero e Exclusão”

**A RODA DE NOTÍCIA COMO ESPAÇO PARA REFLEXÃO DE QUESTÕES DE GÊNERO NUMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO.** Jonê Carla Baião. Cap/UERJ e SME-Rio [fambaiao@uol.com.br](mailto:fambaiao@uol.com.br)

Esta comunicação é um recorte da minha tese de doutorado em Letras-Estudios da Linguagem - intitulada “Tia, existe mulher bombeira? Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar”, defendida em 2006, no departamento de Letras, da Puc-Rio.

A tese traz uma análise lingüística da construção de gênero, por meninas e meninos entre seis e sete anos de idade, analiso as interações de crianças de uma turma de classe de alfabetização numa escola pública do Rio de Janeiro, durante um ano letivo. O trabalho pedagógico centrava-se nos projetos “brincadeiras de ontem e de hoje”, “animais da fauna brasileira” e “copa do mundo”. Dentre as atividades selecionadas, o projeto de brincadeiras foi o que mais se destacou, talvez pelo que evidencia Brougérè:“A brincadeira aparece como o lugar da experimentação de identidade sexual” (Brougérè, 2001).

As interações analisadas na tese foram de três naturezas: uma atividade de jogo, uma atividade de roda de apresentação de brinquedos favoritos e uma atividade de roda de debate de notícias de jornal. Trago o conceito de enquadre (Tannen e Wallat, 1987) para analisar as identidades de gênero que se desenham em co-construção nas interações.

Para Tannen e Wallat um enquadre seria a compreensão de qualquer elocução, que um ouvinte (e um falante) deve fazer para identificar dentro de qual enquadre ele foi composto, ou seja: “a noção interativa de enquadre, então, refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (Tannen e Wallat, 1997: 124).

A roda de notícia era uma rotina que estava sendo construída para aquele grupo de crianças em seu primeiro ano de escolaridade. O hábito de ouvir e debater as notícias trazidas pelas crianças e professora estava ainda se estabilizando. O trecho aqui analisado faz parte de uma roda que teve a duração de oitenta minutos. Perceberemos que o formato pergunta-resposta será mantido e Carina, a professora, enfatizará a identidade de professora para conduzir o debate.

A ênfase se dará na resistência de alguns meninos em aceitar o debate sobre a leitura do obituário da criadora da Barbie: Ruth Handler. A confusão entre criador e criatura se dará durante toda a conversa. O desejo/entendimento dos meninos de que quem morre é a boneca e não sua criadora será retomado/negado diversas vezes pela professora e pelas meninas.

248	Carina	mas, olha só. a notícia que eu quero ler pra vocês é essa aqui, também é =
249	Guilherme	O tia, botou ((Falando com
250	Márcio	inaudível))
251	Carina	= no obituário. aqui tá a foto do doutor delamare que morreu, né. =
252	Bianca	((levanta a mão))
253	David	ele fazia:: tinha filme?
254	Carina	= mas eu quero ler essa notícia dessa MO-ÇA.
255	Márcio	(Márcio)
256	Carina	= que chama-se ruth RAN-der
257	David	O QU::E!
258	Carina	quem sabe quem é essa moça?
259	David	eu sei
260	Joana	ela fica lá em:::
261	Isadora	nova york
262	Pedro	estados unidos
263	Márcio	((Faz sinal de positivo com a cabeça))
264	Joana	é, ela fica lá em nova york
265	David	ela ...ela faz filme
266	Carina	ela era americana.
267	David	ela faz filme de robim hood
268	Joana	agora ela é brasileira.
269	Bianca	((levanta o braço))
270	Carina	não ela não faz filme. ouçam só. RUTH RANDER a criadora da BAR-bie, morre aos oitenta e cinco anos
271	Márcio	AH::
272	Fernando	ainda bem.
273	Márcio	((A Barbie nunca mais - inaudível - fazendo careta e ))

274	Carina	por que:: ainda bem fernando? ((Tom da voz arrastado))
275	Joana	tia ...o tia
276	Fernando	porque ela tinha que morrer
277	Carina	por que você acha que ela tinha que morrer
278	David	porque ela é muito chata.
279	Gilberto	É
280	Carina	você conhece ela?
281	David	não. ela é muito chata. porque fica fazendo ((inaudível)) porque ela fala muito.
282	Armando	((Entra na roda))
283	Todos	((Falam ao mesmo tempo - inaudível))
284	Armando	((Anda pela sala - vai pro outro lado da roda))
285	Guilherme	ela ...
286	Joana	((Começa a contar a quantidade de alunos com os olhos))
287	Carina	não. mas psiu .
288	Adriane	porque ela faz barbie!((Mexendo com os braços)))
289	Márcio	((Deita apoiando o corpo nas costas do Guilherme))

Na linha 248 – “mas, olha só. a notícia que eu quero ler pra vocês é essa aqui, também é =”- Carina interrompe a conversa paralela ao *enquadre* “aula” que os alunos mantinham para conduzir a atividade de roda; é pelo marcador discursivo (olha só..) que percebemos a introdução do novo tópico e de um novo *alinhamento* que a professora propõe (ou impõe?): “mas olha só **a notícia que eu quero ler ...também** é no obituário.” Carina aqui revela a sua intencionalidade em destacar uma notícia que fale de brinquedos, projeto de trabalho desse ano com a classe de alfabetização. Ela mostra que essa notícia tem maior prioridade em seu planejamento que a anterior. Estabelece um elo entre a notícia nova que lerá com o que acabou de debater com os alunos: a também morte do pediatra Dr. De Lamare.

Neste trecho de análise, vemos a estrutura assimétrica da atividade pedagógica dirigida pela professora ser mais uma vez acolhida pelas alunas e alunos. O aluno David (linhas 253 e 257) dá a partida para a aceitação, por parte dos alunos, do “convite” ao diálogo, com outra pergunta de volta para a professora (o quê?), mostrando interesse em saber sobre o que trata o comentário da professora.

A professora prossegue com a pergunta “quem sabe quem é?” (Ruth Randler - linha 258); David continua querendo participar, agora diz: “eu sei” (linha 259); mas são as meninas (entre as linhas 260 e 261) que continuam dando informações que se complementam: Joana diz com imprecisão onde ela mora e Isadora completa “Nova York”. Joana apóia a ajuda da colega. Joana e Isadora constroem juntas um trecho da informação, temos aqui um exemplo do que Goffman chamou de “teasing”, a informação de mãos dadas. A fala colaborativa aqui mostra a participação ativa delas na atividade.

A participação de David é substituída pela das meninas que abrem o subtópico: “local onde mora”, ainda que a pergunta da professora fosse “quem sabe quem é”. A professora, na linha 266, entra nesse subtópico “local em que mora” e traz a nacionalidade da pessoa sobre quem fala.

Na linha 271, Márcio exprime um “ah” que permite um novo realinhamento da conversa: a participação dos meninos e suas impressões sobre o tópico inicialmente introduzido pela professora: a morte de Ruth Handler, criadora da Barbie. Márcio parece dizer “ah sim era isso que a senhora queria dizer”. O mais instigante vem no trecho subsequente, quando também teremos uma conversa colaborativa só que da parte dos meninos.

Fernando, Márcio, David e Guilherme (nas linhas 272 a 276, 278 e 285) constroem a informação de que “ainda bem que ela morreu porque era chata”. – “porque ela tinha que morrer” (l.276- Fernando), “porque ela é muito chata (l.278, David) e “ela...” (l.285- Guilherme). Adriane mais uma vez também colabora com a construção dos meninos e parece introduzir o sub-tópico, que na verdade os meninos não revelavam, “porque ela faz Barbie” (l.288), apoiada por Armando. Só que Armando falará em tom jocoso, rindo, esquivando o olhar da professora. Adriane e Armando estão sentados lado a lado.

Neste trecho, vemos a intervenção da professora (nas linhas 274, 277, 280), - “por que ainda bem Fernando?”, “porque ela tinha que morrer?” “você conhece ela?” junto à reação dos meninos pela morte da criadora da boneca Barbie. Ela conduz a atividade e assim intervém à reação de Fernando à morte da criadora da boneca, combatendo os argumentos levantados por ele e pelos outros meninos que a ele se alinharam contrários a Ruth Handler.

Quando Fernando reage com um “ainda bem” (linha 272), a professora mostrou-se atenta a esta reação e de pronto indagou a ele “por que ainda bem, Fernando” (linha 274). Aqui a professora escolhe a estrutura pergunta/resposta e escolhe/dirige-se a um ouvinte, de toda roda de alunos, em especial, num vocativo: “Fernando”. Neste caso, David sente-se autorizado a responder no lugar de Fernando e assume o papel de responsável, nas palavras de Goffman (1979), e responde a pergunta feita a Fernando (274), falando “no lugar do outro” (linha 278).

A resposta de David inaugura um novo alinhamento: a professora faz a nova pergunta a ele (280): “você conhece ela?”, instaurando uma típica seqüência de pergunta/resposta entre falante e ouvinte selecionados. Esta não é a estrutura freqüente neste tipo de interação: atividade de roda conduzida pela professora,

porque vemos, de novo, na linha 285, Guilherme respondendo à pergunta feita pela professora ainda a David.

No final, Adriane (linha 288) colabora com o que está sendo construído pelos meninos: a ojeriza à criadora da Barbie”, afirmando o que os meninos não conseguiram/quiseram verbalizar “porque inventou a Barbie”, o que fecha o tópico iniciado em “ainda bem” de Fernando, linha 272. Aqui Adriane parece também assumir o papel de “falar pelo outro”, ela especifica aquilo que os meninos genericamente chamaram de “ela fica fazendo coisa”. A participação de Adriane não é alinhada à dos meninos, ela não parece concordar com a ojeriza deles à criadora da boneca.

Neste trecho analisado, verificamos como o tópico “a morte da criadora da Barbie” motivou uma estrutura de participação colaborativa entre meninas no início e entre meninos e meninas quando um sub-tópico se instaurou: “a reação à morte da criadora da Barbie”. Como disse acima, a professora teve o papel central de conduzir e instigar os alunos a participarem com perguntas que levassem a novas posições. Esta atitude diretiva da professora não impediu a livre participação dos alunos. Pelo contrário, a professora estimulou o alinhamento avaliativo dos meninos de “acharem ela chata, que tinha que morrer, etc.”

### **Barbie - boneca ou mulher?**

No trecho a seguir, temos a reação de David à apresentação da Carina sobre as mudanças no cenário de criação da boneca Barbie que inovou ao criar uma boneca com traços de mulher. A reação de David é a de identidade de menino/homem que mostra desejo pela figura feminina/mulher.

309	Carina	= a barbie. porque antes da barbie, olha só que interessante, todas as =
310	Joana	Oh tia
311	Carina	= boneCAS reproduziram be-BÊS. Não eram... as boneCAS ... não eram =
312	Guilherme	Hã
313	Carina	= feitas como a barbie que é uma moça né, que já é uma mulher adulta. =
314	David	tinha uma mulher boNITA, uma ga::ta.
315	Carina	=todas as bonecas antes da Barbie tinham caras de neném, eram bebes, né =
316	Márcio	ah! Não acredito

Aqui David continua, na linha 314- “tinha uma mulher boNITA, uma ga::ta” - estabelecendo o “enquadre” de desejo/cobiça pela boneca como mulher. Quando

Carina explica as formas da boneca e fala em mulher adulta, ativa o conhecimento em David de mulher bonita/gatas, que se amplia na expressão de desejo logo a seguir. Esse enquadre de David não é reproduzido por outros meninos ou meninas ou mesmo pela professora.

Quando já parecia ter terminado o assunto, Carina já trazia um novo tópico, linha 406: “uma pessoa órfã é uma pessoa o quê?” David ,linhas linhas 407 e 409, dá sua explicação em resposta à professora do que seja “órfã”; a professora mais uma vez explica que a boneca Barbie não morreu. Fernando aproveita para reiterar sua posição e repete “já devia ter morrido” , na linha 412.

Fernando aceita a informação de que Barbie não morreu, mas não nega que seu desejo é de que ela morresse. Esse comportamento iniciado por Fernando ganhou força na reação de grande parte dos meninos durante toda a leitura da matéria.

405	David	É uma ...
406	Carina	uma pessoa órfã é uma pessoa o que ?
407	David	que tá morta
408	Carina	Hã
409	David	que não tem nada ...não que tá morta
410	Carina	não ... não é que ta morta. A barbie não morreu. quem morreu?
411	Joana	Famosa
412	Fernando	já devia ter morrido
413	Carina	quem morreu?
414	Isadora	quem fez a barbie.
415	Carina	quem fez a barbie.↓ Então, vamos pensar nisso. deixa eu continuar a:: leitura.< ruth rander, sua criadora, morreu sábado aos oitenta e cinco anos de complicações numa operação no colon.> <pedro tinha perguntado não o que que foi?> Ela fez uma cirurgia no

No trecho a seguir, quando Carina já estava iniciando a leitura de uma outra reportagem, o enquadre já havia sido mudado por ela, vemos Márcio cantarolando/anunciando a morte da Barbie, desviando o tópico da professora( linha 546), mas Carina aproveita para responder à provocação de Márcio sem interromper o fluxo de sua informação que estava em curso, linhas 545 e 547: ela pergunta “quem morreu?” (l.413) e ela mesma responde a seguir: “quem fez a barbie.↓ Então, vamos pensar nisso. deixa eu continuar a:: leitura.< ruth rander, sua criadora,

morreu sábado aos oitenta e cinco anos de complicações numa operação no colon.> <pedro tinha perguntado não o que que foi?> Ela fez uma cirurgia no" (l.415).

Mais uma vez, percebemos a atenção da professora a cada reação dos meninos à apresentação da reportagem. Parece que Carina veio para essa aula preparada para essa possível reação dos meninos dessa turma; suas rápidas respostas nos mostram um ouvido/olhar por demais atento.

542	Carina	AH! AQUI! ?Olha essa notícia também aqui no jornal
543	Adriane	Como é que eu vou ver?
544	Maurício/Tales/ David	((abaixam pra ver o jornal ))
545	Carina	Calma querida. Tem que abrir. Aqui. Temporada recorde. Foi a criadora =
546	Márcio	A Barbie morreu::: EU ((cantarolando))
547	Carina	=dela, né. ((respondendo para Márcio)).Depois a gente vai ver o que é órfã e órfão. Temporada recorde de desova no litoral norte. (( mostra o jornal)) =

Um olhar atento da professora preocupada com as questões multiculturais em seu projeto de trabalho ajudou a intervir e instigar os meninos desse grupo para suas reações machistas com um brinquedo visto socialmente como representante do mundo feminino (especialmente pelos meninos), mas que, enquanto brinquedo, faz parte do universo infantil. As meninas trouxeram para a cena um comentário sobre o boneco Ken, a face masculina de Barbie, mas esse tópico não criou muito assunto no grupo dessa turma e nem pela professora.

333	Joana	= que elas tinham uma cara da Barbie
334	Carina	eu não vi o fantástico, MAS você quer comenTAR
335	Joana	não ... não elas tinham ... elas a caras da barbie. E os meninos tinham cara
336		de keny.
337	Carina	eles imitam? É isso↑.
338	Joana	Não eles botaram, nas caras das moças ...
339	Tales	
340	David	((Levanta o dedo))

341	Carina	hum!. então, tavam fazendo uma imitação.
342	Laura	não era. tia mas não era::: mascara não ((inaudível))
343	Carina	sim. era uma imitação né. Estavam maquiados, arrumados, imagino né. Não vi.
344	Gilberto	((Barulho batendo a mão na boca))
345	Carina	fala david.↓
346	David	é você viu o:: fantástico, o caso dos peixes.

Joana comenta uma matéria do programa de televisão (linha 335) e fala do boneco e da boneca com caras de meninos e meninas mostradas na TV, muda o enquadre que estava em curso; Laura entra no novo tópico, na linha 342, e corrige a informação de Joana, diz que era máscara; a conversa não prossegue nesse tópico, Carina dá a voz a David que traz outra notícia que apareceu no mesmo programa de televisão comentado pelas meninas. Também esse tópico de David não prossegue. A professora volta ao tópico para encerramento da leitura sobre o obituário de Ruth Handler.

## CONCLUSÃO

Vimos que há uma preocupação didática da professora com as questões multiculturais presentes em seu planejamento, a questão de gênero em particular.

Ao trazer para a roda a morte de uma criadora de um brinquedo, em particular uma boneca, a professora já esperava que a leitura da morte da criadora da Barbie poderia ser um tema que despertasse alguma reação nos meninos. A reação /agressão contra as coisas de meninas, ou direito à mudança social reivindicado pelas meninas, pareceram apontar que os meninos tenderam a manter o padrão masculino hegemônico que ainda vemos reproduzido na sociedade: tudo fica como está....lugar e espaços demarcados para os homens e lugar de submissão para as mulheres.

Vimos uma maior participação dos meninos induzida pela professora que instigou a participação de Fernando em ter de explicitar por que disse “ainda bem” a respeito da morte de Ruth Handler. Ao suscitar essa participação, outros meninos entraram no debate e reforçaram o desejo de que a boneca e sua criadora “já deviam ter morrido” há muito tempo. A explicitude da intenção dos meninos de que Barbie devia ter morrido vem pela participação de uma menina, que fala o que os meninos se esquivavam em dizer.

Quanto ao papel da professora no debate, vimos aqui uma seqüência típica de sala de aula que é “pergunta-resposta”, com perguntas especialmente feitas pela professora, que são mais orientadoras de tópico, perguntas retóricas, do que

perguntas por informação/ conhecimento, com intenção de “querer saber o que não se sabe”. São perguntas do tipo “quem sabe?” “o que é?” “quem já ouviu falar?”, que instigam os participantes à temática, mas não pretendem tirar do perguntador o controle do tópico. Essas perguntas tiveram a função de reintroduzir o tópico central que a professora tem em mente para evitar/controlar a “dispersão” dos alunos para outros sub-tópicos ou mesmo outros tópicos.

A estrutura tópico deu-se como apontam Ribeiro e Pereira (2006:9): com a preocupação central da professora em ensinar e informar, o que acaba por controlar o tópico.

Vimos, por parte dos alunos/alunas, uma preocupação em atender à expectativa da professora e desse modo buscar responder corretamente as perguntas feitas pela professora. Assim, resguardam seus espaços na roda, tomando o turno das falas, para reivindicarem a identidade de “comportamento participativo” que contempla o esquema de conhecimento do que é ser “bom aluno/boa aluna”. O papel da professora foi central nos diálogos. Mesmo em conversas paralelas, as crianças recorrem a ela para esclarecimentos de dúvidas ou para denunciarem/pedirem intervenção à posição de um colega que tenha desagradado.

O debate sobre o papel da escola, a intervenção pedagógica nas identidades que se co-constróem a cada interação, nos leva a dialogar com Auad (2006) de que o papel da escola mista, que educa meninas e meninos, deve ser para além da aproximação física das crianças no mesmo espaço em sala de aula, devemos buscar uma educação que co-eduque, que transforme as relações de meninas e meninos em relações de debates e questionamentos para diferentes modos de ser meninas e meninos na nossa sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos. Relações de gênero na escola*. São Paulo: contexto, 2006.

BAIÃO, Jonê Carla. “*Tia, existe mulher bombeira?*” *Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUC-Rio; 2006.mimeo.

BROUGÉRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. Versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop.São Paulo: Cortez, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A situação negligenciada..* Traduzido por Pedro Garcez in RIBEIRO, Branca & GARCEZ, Pedro.(org.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre:Age,[1964] 1998.pp.11-15.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. Traduzido por Beatriz Fontana in RIBEIRO, Branca & GARCEZ, Pedro.(org.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre:Age,[1979] 1998.pp.70-97. Semiótica. Ed. Mouton de Gryter.

RIBEIRO, Branca Telles e PEREIRA, Maria das Graças Dias. *A Noção de Contexto na Análise do Discurso.* Enviado para publicação In Carmen Rosa Coulthard & Leonor Scliar-Cabral. *Práticas Discursivas: da Teoria à Ação Social. Homenagem a Malcolm Coulthard.* Editora Contexto. 2006.

TANNEN, D. & WALLAT, C. *Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em Interação: Exemplos de um exame/consulta médica.* in RIBEIRO, Branca & GARCEZ, Pedro.(org.). *Sociolinguística Interacional.* Porto Alegre:Age,[1987] 1998. p.120-141. Cambridge University Press.